



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III
CENTRO DE HUMANIDADES
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

ROSINEIDE DE LIMA SANTOS

**INTERDISCIPLINARIDADE NA OBRA *MENINO DE ENGENHO* DE
JOSÉ LINS DO REGO: O LITERÁRIO ARTICULADO AO
GEOGRÁFICO**

**GUARABIRA- PB
2013**

ROSINEIDE DE LIMA SANTOS

**INTERDISCIPLINARIDADE NA OBRA *MENINO DE ENGENHO* DE
JOSÉ LINS DO REGO: O LITERÁRIO ARTICULADO AO
GEOGRÁFICO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de **Licenciatura Plena em Letras** da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciado em Letras.

Orientador: Professor Doutor Juarez Nogueira Lins

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA SETORIAL DE
GUARABIRA/UEPB

S643i Santos, Rosineide de Lima

Interdisciplinaridade na obra menino de engenho de José
Lins do Rêgo: o literário articulado ao geográfico /
Rosineide de Lima Santos. – Guarabira: UEPB, 2013.

19 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras)
Universidade Estadual da Paraíba.

Orientação Prof. Dr. Juarez Nogueira Lins.

1. Literatura Brasileira 2. José Lins do Rêgo 3.
Geografia - Ensino I. Título.

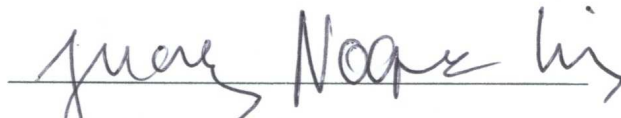
22.ed. CDD 410

ROSINEIDE DE LIMA SANTOS

**INTERDISCIPLINARIDADE NA OBRA *MENINO DE ENGENHO* DE JOSÉ LINS
DO REGO: O LITERÁRIO ARTICULADO AO GEOGRÁFICO**

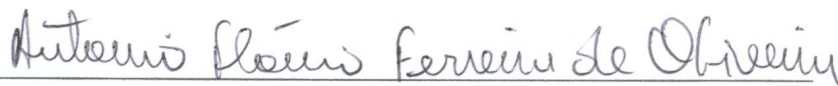
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Curso de **Licenciatura Plena em Letras** da
Universidade Estadual da Paraíba, em
cumprimento à exigência para obtenção do
grau de Licenciado em Letras.

Aprovado em 30 /08/2013.



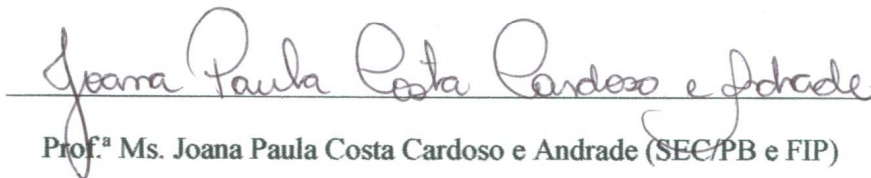
Prof.º Dr.º Juarez Nogueira Lins / UEPB

Orientador



Prof.ª Ms. Antonio Flávio Ferreira de Oliveira (UEPB)

Examinadora



Prof.ª Ms. Joana Paula Costa Cardoso e Andrade (SEC/PB e FIP)

Examinadora

INTERDISCIPLINARIDADE NA OBRA *MENINO DE ENGENHO* DE JOSÉ LINS DO REGO: O LITERÁRIO ARTICULADO AO GEOGRÁFICO

Rosineide de Lima Santos¹
Orientador: Prof. Dr. Juarez Nogueira Lins²

RESUMO

Através da visão interdisciplinar é possível visualizar um tema em estudo de uma maneira que priorize o todo, que enfatize uma observação contextualizada e considere a articulação entre as disciplinas. Assim, respaldada por esse pressuposto objetivo realizar uma análise interdisciplinar do romance *Menino de Engenho* de José Lins do Rego, que discuta o Literário em seu entrelaçamento com a Geografia. Em que utilizei por base teórica as contribuições de Fazenda (1985), Japiassú (1976), Dimas (1994), Tuan (1983), Lins (2007), Dacanal (1986), Fremont (1980), Rego (2010) entre outros. A partir desses estudos surgiu um olhar contextualizado dos elementos sociais e espaciais mostrado na visão literária por José Lins e na geográfica pelos teóricos da área. O resultado ao qual cheguei é que a obra em estudo analisada nesse contexto que traz aos alunos e leitores, fortes pontos literários e geográficos em que um dá suporte ao outro facilitando aos interessados uma visão crítica do espaço e do social articulado entre a multidão e suas inatas características, as suas paixões e os seus medos. Conclui que a obra *Menino de Engenho* traz uma forte base geográfica que constituem a razão desse olhar voltado a esse objetivo analítico do romance: a ênfase na época e na terra. O literário trouxe os dramas humanos para esse cenário.

Palavras-chave: Interdisciplinaridade. Literatura. Romance. Geografia.

1 INTRODUÇÃO

O romance de José Lins do Rego na sua autenticidade regionalista está impregnado de relatos sobre a sociedade paraibana da primeira metade do século XX. Acontecimentos cotidianos, das mais variadas origens, sejam naturais (o espaço físico da mata canavieira) ou decorrentes de relações humanas (no latifúndio açucareiro).

A partir dessas características da obra *Menino de Engenho* busquei elementos como a economia, o latifúndio, a política, as culturas, o comércio, a localização, o relevo, as regiões, os meios de transportes e de comunicação, etc. que se inter-relacionam entre as disciplinas dando suporte a uma discussão interdisciplinar, com o objetivo de identificar na obra esses elementos literários e geográficos, relacionando-os sob a luz da teoria interdisciplinar de

¹ Licencianda em Letras/UEPB

² Professor de Estágio da UEPB/CH

FAZENDA (1985) em seu livro *A Questão da Interdisciplinaridade no Ensino*, de JAPASSÚ (1976) em sua obra *Interdisciplinaridade e patologia do saber*, e de Lins (2007) na obra *literatura, ensino e outras linguagens*, que serão esclarecidas na próxima seção.

O embasamento utilizado nesse estudo é referência dos seguintes autores: Andrade (1997), Costa (1998), Dacanal (1986), Dimas (1994), Fazenda (1985), Freire (1978), Freitas (2003), Fremont (1980), Kozel (1996), Moreira (1997), Rego (2010), Silva (1991), Tuan (1983) e outros.

A metodologia utilizada foi articular as disciplinas, os saberes e os elementos no contexto interdisciplinar com a leitura das obras mencionadas acima, entre outras que abordam em seus estudos a interdisciplinaridade para aprofundar e embasar teoricamente o artigo, posteriormente relacionar essas leituras com o romance *Menino de Engenho*, analisando os elementos existentes no contexto narrativo que são objetos de estudo como conteúdo nas disciplinas escolares: Geografia e Literatura, que serão trabalhados sob a ótica da interdisciplinaridade. Elaborei o artigo em três itens que discutem a interdisciplinaridade, a relação entre Literatura e Geografia e a geografia presente em *Menino de Engenho*.

2 BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE INTERDISCIPLINARIDADE

A interdisciplinaridade pode ser compreendida como a intercomunicação entre as disciplinas, no nível de conceitos e métodos (JAPIASSÚ, 1976) ou “a arte do aprofundamento com sentido de abrangência, para dar conta, ao mesmo tempo, da particularidade e da complexidade do real” como conceituou Demo (1988, p.88). No estudo realizado, parti do conceito que a interdisciplinaridade é uma inter-relação entre duas ou mais disciplinas enfocando a complexidade e a unicidade dos saberes. Alguns dos autores que discutiram o tema são:

Japiassú (1976) com a obra *Interdisciplinaridade e Patologia do Saber* introduz a interdisciplinaridade no ensino brasileiro. Neste texto, o autor apresenta uma pequena síntese das concepções interdisciplinaridade no ensino, levantadas na época. Partindo de uma reflexão sobre a unicidade do conhecimento e da necessária fragmentação para uma explicitação mais aprofundada de suas partes, salienta a importância de buscar-se de caminho de volta ao Uno, sob pena de, não voltando, correr-se o perigo de fazer-se uma ciência sem homem, portanto, vazia de sentido. Segundo esse estudo, no caminho de ida às partes, perdeu-se o sentido do todo na escola, e a volta ao todo do conhecimento, ao Uno, ao conhecimento

aplicado ao Homem, porque dele é a origem, que pode ser repensada na medida em que uma relação de reciprocidade entre os educadores pode ocorrer.

Ainda segundo Japiassú é somente na *troca*, numa atitude conjunta entre educadores e educandos visando um conhecer mais e melhor, que a interdisciplinaridade no ensino pode se efetivar: como meio de conseguir uma melhor formação geral, como meio de atingir uma formação profissional, como incentivo à formação de pesquisadores e pesquisas, como condição para uma educação permanente, como superação da dicotomia ensino/pesquisa e como forma de compreender e modificar o mundo.

Continuando os trabalhos de Japiassú (1976), no Brasil a autora Ivani Fazenda volta sua atenção para organização dos currículos e o caráter problemático da pedagogia interdisciplinar. Em seus trabalhos ela coloca a interdisciplinaridade enquanto sinônimo de complexidade, afirmando que a interdisciplinaridade não é suscetível de ser ensinado. Esta autora, com muita propriedade, destacou que “a interdisciplinaridade não se ensina nem se aprende, apenas vive-se, exerce-se [...] é uma questão de atitude”. Como sinônimo de complexidade, está longe de ser apenas fusão de conteúdos ou métodos, e, ao invés de se prender nos elementos, busca sempre as relações entre eles, ou seja, trabalha-se sempre com uma estrutura de relações. Não se realiza sob ordens/decretos, nem tampouco tem etapas definidas que possam ser aplicadas indiscriminadamente. Como sinônimo de complexidade é um processo que se desenvolve de acordo com as necessidades específicas de cada contexto. Para ela o uso do termo interdisciplinar deveria ser feito de forma mais prudente, pois o que geralmente se confunde práticas interdisciplinares com práticas multidisciplinares que não se desenvolvem sob um nível de interação voltado para a transformação efetiva do homem e da realidade.

Santos (2007) no texto *Interdisciplinaridade na sala de aula* faz uma abordagem filosófica da interdisciplinaridade. Começa desmistificando o que é educação, colocando-a na perspectiva da utopia. Ele concebe este termo tal qual Thomas More (1993) deu ao seu romance filosófico/ficcional, ou seja, tudo o que parece impossível, inalcançável. E daí ele chega a uma utopia inovadora que se transforma em força de vontade e que extrapola os muros da escola, e se liberta, já numa visão freiriana.

Segundo Freire (1978, p. 23) “é possível afirmar que tudo o que ocorre na escola é educação, mas nem tudo o que é educação ocorre, necessariamente, na escola. [...] a pedagogia pode ser entendida como uma filosofia em ação”. Do filosófico o autor retorna à perspectiva libertadora de Paulo Freire que defende uma relação antiautoritária, a autogestão pedagógica e as modalidades de educação “não-formal” favorecidas por discussões em grupo

que valorize as relações do homem com a sociedade, suas experiências e seu conhecimento de mundo. No entanto, neste artigo vislumbramos os sentidos propostos por Japiassú (1976) e Fazenda (1985) que veem a interdisciplinaridade enquanto articulação de disciplinas, saberes: articulação entre a Literatura, História e Geografia, por exemplo.

3 RELAÇÕES ENTRE LITERATURA E GEOGRAFIA

Neste estudo, as duas disciplinas apresentam afinidades entre si, pois há em comum o tempo e o espaço, presentes na Literatura e respectivamente, na Geografia, pois para Dimas (1994), são elementos integrantes de qualquer romance.

A Literatura pode ser Geografia, História, Sociologia, entre outras disciplinas por abordar temas como espaço, o tempo, a coletividade, as dores, os medos, as alegrias, tristezas, desejos, sonhos. Assim, pode ser uma rica fonte para qualquer área do conhecimento, pois apresenta o mundo de forma diferente da que vemos na ciência que direciona seu olhar a comprovação dos fatos, a clareza, a especificidade, já o escritor, a plenitude, o amplo e a perfeição. É também instrumento de comunicação e interação social – por isso serve para transmitir os conhecimentos e a cultura de uma determinada sociedade. O poeta ou o romancista recria a realidade, dando origem a uma realidade ficcional. Esta realidade imaginária desvela a real, desnuda-a e de certa forma a reconstrói (BRAIT *apud* FREITAS, 2003). Portanto, a Literatura pode ser também instrumento de denúncia social, de crítica à realidade, auxiliando no processo de transformação social. Por apresentar os elementos realistas como a exploração do homem pelo homem, a fome, a inundação, as queimadas, a preservação do meio ambiente, as tristezas, os medos, a união, etc. como são retratados em *Menino de Engenho*, tornando a literatura a mais interdisciplinar das disciplinas. Ela dialoga com a História, a Geografia, a Sociologia, a Antropologia, a Filosofia, a Psicologia, a Biologia, a Física e outras disciplinas. Aqui interessa o diálogo (a inter-relação) entre a Literatura e a Geografia.

Lins (2007) apresenta em duas obras *Práticas Interdisciplinares em Literatura e Literatura, História e Geografia em Os Sertões*, as relações entre a Literatura – objeto de estudo nas duas obras – e as disciplinas História e Geografia. Nestes textos, o autor vai além dos pressupostos teóricos que possibilitam as inter-relações: literatura/história, literatura/geografia, literatura/cidadania. Ele se utiliza de textos literários para construir a prática interdisciplinar, compreendendo sempre a literatura enquanto instrumento de

desmistificação da realidade, que permite ao leitor outra visão de mundo. Todos os textos são da literatura brasileira entre eles, *Os Sertões*, *Morte e Vida Severina*, *O Cortiço*, *Evocação do Recife* entre outros. A partir destes textos literários, são analisados os aspectos históricos e geográficos contidos nas obras de ficção.

No que diz respeito à relação entre Literatura e Geografia, as discussões remontam a década de 40, quando os geógrafos humanistas já se preocupavam com o surgimento de uma nova Geografia – menos positivista, mais humana e mais imaginária. Mas só a partir da década de 70 é que esta preocupação se consolidou. Tuan, geógrafo chinês, Fremont, Gallais, Lowenthal e outros, a partir destes que começou a surgir os primeiros pressupostos dessa inter-relação entre a Geografia e a Literatura. “A Literatura contempla dois conceitos básicos da Geografia: o espaço e o tempo”. (TUAN, 1983, p.53). E ainda afirma: “Mais do que os levantamentos das ciências sociais, a literatura nos fornecem informações detalhadas e minuciosas de como os seres humanos percebem seus mundos” (p.54).

Os geógrafos podem aprender com os escritores, poetas e compositores, sem a necessidade de aplicar inquéritos, prática frequentemente adotada pelos cientistas sociais, em trabalhos de campo. Cabe, então, aos geógrafos analisar esse material, já pronto, a respeito da fisionomia dos lugares, tradições religiosas, motivações migratórias e contrastes espaciais. “A Literatura é um meio eficaz de investigação, focalizando os aspectos geográficos, incluindo o grupo, herói, família e categoria social”. (FREMONT, 1980, p.97).

De acordo com o autor, a Literatura vai além do espaço e traz novos elementos (humanos) a espacialidade, complementando a cena ficcional.

4 MENINO DE ENGENHO: A OBRA E OS ASPECTOS INTERDISCIPLINARES

4.1 Breves considerações sobre a obra

José Lins do Rego publicou sua primeira obra *Menino de Engenho* em 1932, que o consagrou como romancista. Para Dacanal (1986, p.28):

O livro *Menino de engenho* é um romance de 30 por que traz em suas características (...) a divisão sócio-econômica cultural do país, romance carregado de características sociais e econômicas, espaço agrário, perspectiva crítica políticas, sociais e econômicas das estruturas históricas apresentadas, impregnado de um otimismo que pode ser qualificado de “ingênuo”.

Essa obra iniciou um vasto caminho sobre a cultura paraibana e o Ciclo da Cana-de-açúcar. E a temática continuou em seus livros posteriores – *Doidinho, Banguê, Fogo Morto e Usina* –, já as outras obras fazem parte do “Ciclo do cangaço, misticismo e seca” (*Pedra Bonita e Cangaceiros*), e outras com implicações nos dois ciclos (*Moleque Ricardo, Pureza, Riacho Doce*) e ainda outras desligadas dos ciclos (*Água-mãe e Eurídice*). No entanto, destacaremos apenas o romance memorialista *Menino de Engenho* que descreve a economia açucareira no início do século XX, no espaço nordestino, mas precisamente na Paraíba (nas cidades de Pilar e Itabaiana).

A narrativa de *Menino de Engenho* foi construída em primeira pessoa, de forma concisa com diversas alusões geográficas e históricas, caracterizando bem o contexto paraibano e a vida de quem morava em engenhos retratando através da visão simples de um garoto (Carlinhos) órfão, que encontrou na casa do seu avô, um senhor de engenho o refúgio para proteger-se dos maus-tratos do destino. Lugar este que sua mãe tanto lhe falava e agora ele tinha adentrado nesse mundo que a todo tempo despertava-lhe os sentidos.

O engenho tornou-se um lugar exótico ao seu paladar, onde encontrou a felicidade e a solidão, a libertinagem com animais e mulheres, onde permaneceu no desconhecimento de uma vida cristã que lhe permitiu entrar em lugares que não deveriam ser visitado por alguém com tão pouca idade quanto à dele.

A paisagem vai sendo introduzida no romance de acordo com a vida dos personagens, aos poucos, para que o leitor perceba todos os elementos: a realidade vivida por Carlinhos e todos da região. O escritor analisa com detalhes todos os lugares, as maneiras de viver, a cultura local. Dacanal (1986, p.28) sobre a obra acrescenta:

[...] *Menino de Engenho* é um romance que tende a apresentar, de forma objetiva, fatos reais ou supostamente reais, sem qualquer conotação crítica. Este verismo, acentuado particularmente nos eventos ligados à família e aos problemas pessoais do protagonista, é o que dá vigor à obra e mantém, até o ponto final, o interesse dos leitores.

A obra é mostrada em alguns pontos com características sutis, deixando despertar em um leitor crítico a insatisfação, por causa da espera que em algum ponto haja um pouco mais de veracidade nas descrições dos ânimos do senhor de engenho e do povo do eito, tão passivos que correm o risco de cair em descrédito. Mas, por outro lado analisa a sociedade da época quanto ao comportamento do povo do engenho, as lutas que enfrentavam, a exploração do homem pelo homem, a dependência do povo do eito ao senhor de engenho, a distinção entre as classes sociais.

5 ENTRELAÇAMENTO LITERÁRIO/GEOGRÁFICO EM MENINO DE ENGENHO

5.1 Os Elementos Geográficos presentes em *Menino de Engenho*.

Os elementos geográficos são vistos no decorrer de toda a narrativa e são abordados nos mais diferentes aspectos, potencializando para uma abordagem interdisciplinar sobre o estado da Paraíba na primeira metade do século XX. A economia, política, latifúndio, cultura, comércio, meios de transportes, comunicação, localização, relevo, vegetação, regiões, clima, Rio Paraíba, enchente. Em seguida, há uma breve descrição desses elementos geográficos vistos sob a perspectiva da Literatura e da Geografia.

5.1.1 Economia

Na obra, a economia local baseava-se no cultivo da cana-de-açúcar para a produção de cachaça e do próprio açúcar. Os senhores de engenho, almejando desenvolverem bem a produção, exploravam os negros com muita intensidade, escravizando-os. Com essa utilização “desqualificada” do negro, mão-de-obra muito barata - não se referindo ao custo de compra, mas sim em longo prazo, a economia açucareira gerou muitos lucros, mas andava em contraste com a qualidade de vida dos negros que moravam no engenho Santa Rosa, pois viviam na miséria e sem ter o que comer em consequência da alforria.

Por isso, alguns negros precisavam trabalhar em outros engenhos para amenizar essa necessidade, como visto em Rego (2010, p. 58) na conversa entre a mulher de Zé Ursulino e José Paulino que diz: “- Boto pra fora. Gente safada, com quatros dias de serviço adiantado e metidos no eito do Engenho Novo. / - Estamos morrendo de fome.” Respondia ela.

A economia do engenho era sustentada e erguida unicamente com a força dos negros, que exerciam diversas profissões como: costureiras, maquinistas, cozinheira, carreiros, purgador, destilador, tanoeiros, carpinas, mecânico, etc. os serviços eram executados por qualquer membro da família e faixa etária. Todos trabalhavam no eito. Assim moviam uma economia altíssima para o José Paulino enquanto os negros não recebiam em troca nada além do mínimo necessário à vida, concomitante a esse fator de desigualdades havia outros como ressalta Moreira (1997, p. 38), pois os negros viviam:

(...) em senzalas infectadas, submetidos a castigos diversos, mal nutridos e enfraquecidos pelo excesso de trabalho e pelas condições da vida que eles eram impostos, encontravam-se mais fragilizados diante das epidemias, das

catástrofes naturais (como inundações e seca) e da fome (particularmente quando a produção de alimentos era insuficiente); perecendo nesses momentos em grande número.

O romancista descreve as relações socioeconômicas do engenho, cuja mão-de-obra era a força escrava e outros profissionais analisados. Essa visão se aproxima daquela descrita pelos conteúdos geográficos. No entanto o romance traz a vida dessas pessoas raramente tratadas na disciplina Geografia.

5.1.2 Latifúndio e Política

A retratação dos domínios territoriais do Engenho Santa Rosa contradiziam os do Engenho Santa Fé do senhor Lula de Holanda que apresenta-se desde o início da obra decadente e com seu território bastante pequeno. Através desse contraste de extensão e produção entre os engenhos, Rego (2010) relata o começo da transição de engenhos em usinas rumo à industrialização. E com essa crescente industrialização, os escravos iam mantendo os nove engenhos, e os engenhos por sua vez mantendo o poder latifundiário de José Paulino. A descrição da extensão de terras de José Paulino é um exemplo do poder latifundiário que chega a expressar-se em proporções grandiosas, remetendo à característica do Regionalismo a exaltação em igualdade nacional. Rego (2010, p. 95-96) não é nada modesto em sua retratação, como podemos perceber abaixo:

As terras do Santa Rosa andavam léguas e léguas de norte a sul. O velho José Paulino tinha esse gosto: de perder a vista nos seus domínios. Gostava de descansar os olhos em horizontes que fossem seus. Tudo o que tinha era para comprar terras e mais terras. Herdara o Santa Rosa pequeno, e fizera dele um reino, rompendo os seus limites pela compra de propriedade anexas. Acompanhava o Paraíba com várzeas extensas e entrava de caatinga adentro. Ia encontrar as divisas de Pernambuco nos tabuleiros de Pedra de Fogo. Tinha mais de três léguas, de estrema a estrema. E não contente de seu engenho possuía mais oito, comprados com os lucros da cana e do algodão. Os grandes dias de sua vida, lhe davam as escrituras de compra, os bilhetes de sisa que pagava, os bens de raiz, que lhe caíam nas mãos. [...] Coitado do Santa Fé! Já o conheci de fogo morto.

A apresentação do latifúndio e do seu poder no romance é inseparável, o que potencializa a descrição das terras comparadas a um reino e remete na Geografia ao poder patriarcal e a força do capitalismo relatando que mesmo o senhor sendo possuidor de engenho

não era suficiente, pois precisava andar segundo o critério do capitalismo, possuir mais e mais. Com esta descrição do poder latifundiário de José Paulino identifiquei que a este era conferida uma grande capacidade capitalista em relação ao seu vizinho.

O poder latifundiário de José Paulino não só lhe garantia a posição de “senhor de engenho”, mas também lhe conferia uma posição de quase prefeito, pois esse deu para seu Lula “a presidência da Câmara...” (REGO, 2010, p. 98). A nomeação de cargos públicos era algo recorrente e muito mais dependente de forças apadrinhadoras que ficavam ao entorno do poder político como revela Costa (1998, p. 493), que os “funcionários estavam diretamente na sua dependência, pois a nomeação e permanência no cargo eram função da fidelidade aos chefes políticos e às facções locais” e corroborando com essa afirmação temos Cardoso (2004, p.155), que apesar de ter ocorrido na base eleitoral um alargamento, em contradição “os chefes políticos locais e regionais se mantinham praticamente os mesmos, e continuaram elegendo para as Câmaras, para as presidências dos Estados, para o Senado, seus parentes, seus aliados, seus ‘apaniguados’, seus protegidos”. José Paulino também se reunia com o poder judiciário e religioso, protegendo a quem quisessem no júri e ajudando nas necessidades da igreja. Esse poder lhe foi conferido devido a dominar todos os interesses dos que estavam sob o seu poder, já que o número de negros em seus engenhos era bastante expressivo, e também devido a ter influência em todas as esferas do poder local com os quais auxiliava e compartilhava o poder. Esses aspectos tornam a obra de José Lins, singular e autêntica na representação do poder latifundiário e político da época. Desta forma, Alves *apud* Neto (2012, p. 54) confirma:

A Paraíba viveu, de forma abrangente, a chamada política coronelística, devido, em grande parte à sua essência agrícola, pois a maior parte de sua população estava concentrada no campo, sob o domínio de donos de terras que as arrendavam. A maioria desses coronéis paraibanos estava vinculada às famílias locais com poder e atuação política na região onde moravam. Assim, a análise política desse tipo de controle social tem na Paraíba um ótimo modelo para investigar o modo de atuação desses personagens políticos.

O romance descreve o coronelismo e seu poder sobre a população do engenho, na influência sobre a região, medidos em quantidades de terra. Quanto mais terra, mais cana, mais poder. Poder de decidir a vida e a morte daqueles que viviam em função do engenho. A Geografia também descreve essas relações de poder, mas na obra, o leitor sente efeitos desse poder.

5.1.3 Culturas, Comércio e Comercialização

Os negros realizavam “meações com o senhor...” (REGO, 2010, p. 81), e assim cultivavam nas vazantes do rio, e logo que sabiam que ia chover muito, “entravam a arrancar as batatas e os jerimuns das vazantes.” (REGO, 2010, p. 46), eles plantavam em uma escala familiar. Ao colherem pagavam o foro anual com os lucros da comercialização ou com a divisão da produção. Quando necessitavam de algum produto que não era comercializado na região recorriam aos centros comerciais que pudessem abastecer as necessidades do povo da casa-grande, a exemplo que no casamento de Maria Menina veio “um caixão de gelo e outro de frutas estrangeiras, da Paraíba. [...] O vestido da noiva chegaria de tarde, do Recife.” (REGO, 2010, p. 126). Os outros artigos que consumiam e necessitavam diariamente eram comercializados na Feira de São Miguel, de Itabaiana e de Pilar, como: a farinha, o algodão, o feijão-verde, a carne de sol, o gado, etc. No comércio também existia o contrabando de cachaça. Assim, distinguimos que a divisão do comércio é algo bastante complexo, e é importante que o aluno tenha uma visão abrangente que possa enxergar toda essa complexidade e envolvimento de dependência do comércio e do trabalho; da zona rural e da zona urbana. Para corroborar Kozel (1996, p. 58) cita que:

Ao compreender a dinâmica do trabalho, o aluno perceberá também a divisão de trabalho que existe entre a cidade e o campo: na cidade concentram-se as indústrias, os serviços e o comércio; no campo estão a agricultura e a pecuária. A produção do campo se destina, sobretudo, às indústrias da cidade, que por sua vez fornecem ao campo, entre outras coisas, máquinas e equipamentos.

A produção açucareira na obra é tratada com aspectos que une a zona rural à zona urbana, através da comercialização e da interdependência entre elas devido aos serviços oferecidos de uma a outra. Mas esses aspectos também são tratados na Geografia com o intuito que os alunos percebam essa relação existente dependência e complemento entre esses locais e valorize essa relação.

5.1.4 Meios de transportes e de comunicação

Carlinhos descreve o encontro com os comerciantes com seus produtos que levavam para comercializar: na “estrada encontrávamos de quanto em vez gente a cavalo que vinha da feira de São Miguel. Traziam as cargas vazias, os caçuás emborcados e o quilo de carne

dependurado na cangalha.” (REGO, 2010, p.42). Vemos que os produtos eram escoados pela estrada e os meios de transportes mais utilizados nessa labuta eram os carros de boi, os cavalos e também andavam muito a pé. Já o tráfego das pessoas com destino a outras cidades mais distantes era realizado por meio da linha férrea, que eram ativas de um Estado a outro (Recife à Paraíba) e internamente nas cidades de Itabaiana, Pilar e Guarabira. De acordo com a confirmação de Rego (2010, p. 140): “O trem pedira licença de Itabaiana, partira do Pilar”.

Os meios de comunicação baseavam-se através de impressos como o jornal (*Malho* e o *Diário de Pernambuco*), cartas, cordel, telégrafo, telegrama, etc. e que eram colecionados por seu tio Juca. Que gostava de mostrar a Carlinhos todos “os seus álbuns de fotografias, os seus livros de muitas gravuras, o *Malho*, que assinava, cheio de gente de cara virada pelo avesso. Lia as histórias todas do *Malho*, com retratos dos políticos e com um Zé-Povo que tinha resposta para tudo.” (REGO, 2010, p. 102). De acordo com o que foi exposto da obra percebi a interação entre o homem e meio que é constante e gera transformações dependentes dessa interação, como exemplifico por meio dessa relação entre elementos sociais (a estrada, os transportes, o comércio, etc.) e os naturais (o homem, as plantações e os animais). Assim, Silva (1991, p. 22) manifesta:

[...] que o homem e o lugar podem produzir também mediações ativas e passivas. Essas mediações relacionam o homem e o lugar, manifestando-se como complexos físicos de trabalhos e trocas de energia, ou seja, como o conjunto de relações sociais e naturais produzidas pelo trabalho, trabalho esse que é a transformação do real a partir da determinação, e que implica a passagem de energia de um receptor a outro por um meio de um condutor. Por isso, o homem e o lugar são dados do real enquanto expressão do social-natural.

A Geografia descreve o homem e o ambiente com agente transformador local, que intervém e realiza por meio do trabalho a transformação do real. Assim, o homem e o local em que está inserido torna-se um recurso para a observação da Geografia. Enquanto, a obra traz através da descrição do ambiente, o relacionamento do homem com lugar permitindo uma visão mais apurada dessa relação homem-lugar, pois não estagna na inflexibilidade da relação, e sim, expõe as interações cotidianas, seja do negro ou do branco na localidade como agente transformador do real.

5.1.5 Localização e negros

A retração da chegada dos negros cativos ao Brasil vindos da África, das cidades de Moçambique e Angola, desembarcados na Paraíba e depois vendidos a senhores de engenhos

das cidades de Pilar e Itabaiana é um aspecto abordado que remete a exploração interdisciplinar. A Geografia trata essa observação basicamente com a exploração dos lugares nos mapas. Já a descrição da Literatura envolve o saudosismo que é outra característica do Regionalismo, que fica explícito nos momentos em que as negras falam de sua terra natal a retratação vai além das características físicas dos elementos territoriais, da distância entre o local de origem dos negros e o local de desembarque, das condições de viagem, da economia local de cada país, das causas da comercialização de pessoas na África, etc. A Literatura amplia os conceitos geográficos. Com essa multiplicidade de conteúdos geográficos podemos perceber assim como Kozel (1996, p. 58), que o “espaço geográfico tem dois aspectos intimamente ligados: o social ou cultural e o natural ou físico”.

Os negros na abordagem literária apresentam-se como um povo pobre, destituídos de qualquer chance de melhoria e que serviam apenas para a propagação e diversificação da etnia destinada ao trabalho braçal e não podiam contar nem com o auxílio divino. É o que fica expresso nas palavras de Rego (2010, p.53): “uma gente com quem se podia contar na certa para o trabalho duro e a dedicação mais canina”. E ainda, “coitados, com que saúde e com que Deus estavam eles contando!” (REGO, 2010, p51). A visão miserável do negro na obra ultrapassa o contexto social e chega a atingir o religioso, pois na condição de vida deles não se podia contar nem com Deus, e isso era algo que já estava comprovado na própria existência dos negros, apesar disto eram pessoas com quem se podia contar nos momentos de aflições.

5.1.6 Relevô, Vegetação e Regiões

A introdução da paisagem é transmitida ao leitor com a junção de hábitos cotidianos em suas relações sociais às características naturais do local, impregnado de uma paisagem canavieira, exprimindo-se em um documentário sobre o nordeste, dando um aspecto embelezador favorecendo a descrição da região.

A paisagem é transposta com vários tipos de relevô, e, em sua descrição literária não cita diretamente os nomes das partes do relevô, e sim, usa seus artifícios literários como verifiquei em Rego (2010, p. 83-84), em sua descrição do planalto: “estava escuro com a madrugada. A névoa dos altos chegava até os cajueiros. Tudo parecia branco daquele lado, como grandes paióis de algodão”. Há citações implícitas e explícitas referentes a diversas formas de relevô como: tabuleiro, rampa, cortes, várzea, picos, etc.

Há a retração de vários tipos de regiões como: o litoral, o brejo, o sertão, etc. Exemplifiquei com a descrição do sertão com um implícito exemplo do saudosismo em José

Lins ao descrever sua região “um dia, para as cordas das nascentes do Paraíba, via-se, quase rente do horizonte, um abrir longínquo e espaçado de relâmpago: era inverno na certa no alto sertão”. (REGO, 2010, p.46). Também são ressaltados os vários tipos de formação vegetativa regional como a caatinga, a Mata Atlântica (Mata do Rolo). E nessa corroboração de ensejar a região com vários aspectos que favorecem a vida, Andrade (1997, p.68), mostra a ligação desses fatores afirmando que:

Funciona também o baixo vale como eixo de um dos mais penetrantes avanços da zona da Mata para o interior, principalmente graças à várzea quaternária que se propaga pelos menos até São Miguel de Taipu; mas continuam férteis, no município de Pilar, as aluviões do leito e o colúvio das bases das vertentes, de modo que nessa altura – como, de resto, ainda em Itabaiana – os canaviais confinam na encosta baixa dos vales com caatingas do Agreste.

Na Geografia a relação entre o relevo, a vegetação e a região é bem acentuada, pois é explícito nesses elementos as características de inter-relação e influência. Na citação acima esses elementos e essa relação é descrita de forma bem objetiva em contradição com a descrição literária que raramente é direta na nomenclatura desses elementos, oferecendo ao leitor características desses elementos para que ele desvende o que está sendo retratado.

5.1.7 Clima, Rio Paraíba e Enchente

O clima, em sua abordagem literária, é um aspecto que oscila em igualdade entre as variações de tempo em que ora predomina a chuva, ora o sol. O inverno era bem distribuído com chuvas regulares que predominava entre Junho e Julho. No romance são relatados vários momentos de chuva, e um desses acontece no dia posterior ao casamento de Maria Menina, no momento em que Carlinhos observa a sua partida, aumentando à paisagem a melancolia e o saudosismo antecipadamente expresso na visão de Carlinhos, na despedida de sua tia em saiu “pela estrada molhada das chuvas de fim de junho, lá se fora a segunda mãe que eu perdia”. (REGO, 2010, p. 127). No verão, período em que sua asma fazia-se presente, Carlos de Melo diz que quando “o sol se abria, chegavam as réstias no meu quarto. [...] entretinha o meu puxado com esses cinema, em que o sol e as nuvens fazia-se de artistas.” (REGO, 2010, p. 102).

As chuvas de inverno abasteciam o Rio Paraíba, e conseqüentemente provocavam enchentes que acarretavam em destruição e ao mesmo tempo traziam a fertilização ao solo

devido à lixiviação dos micros minerais dos planaltos. A fartura e a destruição é um aspecto típico dessa região. Apesar dos moradores saberem disso desejavam fervorosamente que a cheia do Paraíba fosse fato. Fica claro esse desejo na cena vista por Carlinhos de José Paulino, “em pé, olhava de uma pontada calçada suas plantas submersas, a sua safra quase toda perdida. Mas não se lastimava, porque sabia que riqueza em limo lhe trouxera o rio para suas terras.” (REGO, 2010, p. 49). Corroborando com a citação acima, Andrade (1997, p. 76), afirma que: “A história, porém, das ocupações canavieiras até os confins da primeira metade deste século foi muita vez atribulada pelas enchentes.”.

A enchente deixava por onde passava a fome, pessoas desabrigadas, animais e pessoas mortas. Essa situação não distinguia a quem iria impor situações adversas, Carlos de Melo assim deixa claro em seu relato: “Nós, os da casa-grande, estávamos ali reunidos no mesmo medo, com aquela pobre gente do eito. E com eles bebemos o mesmo café com açúcar bruto e comemos a mesma batata-doce do velho Amâncio.” (REGO, 2010, p. 50-51).

A partir de todas essas explanações sobre os elementos geográficos nos é mostrado claramente a ligação entre as vertentes geográficas políticas, culturais e econômicas que originam-se do trabalho decorrente das relações entre todas as manifestações do homem e a natureza. E assim, Silva (1991, p.18), vem condizer que:

[...] o modo de produção social expressa-se como imanência humana da organização social do espaço terrestre, que abrange o econômico, o político e o cultural. A paisagem social é o dado perceptível do espaço terrestre já estruturado ou em formação. A lógica da paisagem social expressa-se como um conjunto de relações mais ou menos estáveis, entre elementos sociais e sociais-naturais, que realizam entre relações de trabalho, no interior de modos de produção. A determinação do social expressa-se como modificação do modo de produção natural e como sobre determinação do próprio modo de produção social.

A Geografia contribui ao homem com seu aspecto de caráter organizador da sociedade facilitando a locomoção e a interação do homem em sua espacialidade. Com isso, o social manifesta-se nos resultados naturais e nos próprios sociais. Esses resultados formam a paisagem social que estende-se sob o econômico, o cultural e o político estejam esses concluídos ou não.

3.1.8 Análise dessas relações sociais/espaciais na obra Menino de Engenho

Os elementos geográficos presentes na obra literária apresentam de forma diferenciada a espacialidade, que comumente vemos nos livros didáticos, nos mapas. Não apenas de forma

fria e estatística, mas recheada de elementos humanos: o homem, com sua cor, suas dores, suas esperanças, inseridos em espaço mapeados, nos contornos das descrições objetivas dos livros didáticos de Geografia. E esta, se presentifica na espacialidade ficcional, dando suporte aos dramas e aos personagens nele inseridos.

Todos os elementos geográficos vistos sob o prisma da Literatura acrescentam novas informações aos conteúdos da Geografia e permitem aos leitores, aos alunos uma nova percepção da espacialidade. Não se trata aqui de substituir uma percepção por outra, mas uma complementação dos saberes em direção ao mesmo objeto, clarificando-o. Ganham assim, a Literatura, a Geografia e, principalmente o ensino.

E assim, esses elementos geográficos compõe a percepção social e espacial da obra que também são visto nas disciplinas inter-relacionadas. A coletividade é um desses elementos que influência a observação interdisciplinar na obra devido a seus fatores sociais como a escravização, a miséria, a necessidades, o trabalho no eito e a moradia em senzala, e também mostrando a razão de ser dessa coletividade em sua influência espacial devido aos fatores climáticos, a localização, a região e a vegetação.

O social como determinante das emoções do povo influencia como barreira indicando até que ponto os sonhos, as esperanças, as alegrias e os medos venham compor o mundo externo (o espaço) e fazer parte da realidade desse povo. A cor personifica os elementos geográficos e literários, pois retrata o social em sua exploração dos desejos mais íntimos daquela gente e pinta o espaço com as tintas respectivas da região favorecendo a personificação da localidade em sua paisagem e em seu povo. Esses elementos são um dos que formam a relação entre o social e o espacial na obra compreendendo elementos de estudo das disciplinas Geografia e Literatura.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo contribui com uma análise interdisciplinar da obra *Menino de Engenho* que pode ser adequada a outras obras permitindo a formação de um conhecimento que priorize o todo e suas inter-relações para aplicado nas salas de aula contribuindo com a metodologia da disciplina e motivando os alunos através do diferencial de estudar os conteúdos da disciplina escolar Geografia articulado e transposto pela Literatura ou vice-versa, auxiliando os alunos em suas novas descobertas.

Os pontos controversos do artigo são debatidos sob a análise literária e geográfica de como se inter-relacionam com as características de seus elementos interdependentes que são a

região, vegetação, relevo, rios, localização, política, latifúndio, entre outros. O fator limitante do artigo é a relação Literatura-Geografia, apesar de ser suficiente para a construção de uma análise mais específica, mas não deve ser enxergado apenas através dessa ótica, e sim ser tomada como ponta pé inicial para uma análise mais abrangente entre disciplinas.

Mas, voltando análise enfocada no artigo percebi que a Geografia paraibana, descrita pela obra, não contrasta com a Geografia descrita nos livros didáticos, nos mapas. Ao contrário, ela acrescenta novos valores à espacialidade, já que o espaço ficcional, embora seja uma recriação do espaço real, tem um pé neste, dele se alimenta. A descrição espacial contida no romance traz não só a paisagem, mas também os elementos humanos que compõem e modificam essa paisagem. A relação do homem com o espaço rural e seus conflitos, a percepção destes “homens do eito” e “senhores da terra” sobre a espacialidade está contida na obra *Menino de Engenho*. Também estão presentes as glórias e inglórias de viver nesse ambiente de alegria para poucos e tristeza e dores para muitos.

Por outro lado, a Geografia Didática tem um papel importante na obra: ela situa todos os seres e as situações. Sem o aspecto geográfico não haveria como situar aquela cultura e aquela gente (singulares) naquela região. Em suma, a Literatura oferece elementos para uma melhor compreensão de seu objeto – o espaço – e a Geografia oferece elementos para situar o enredo em uma determinada região. As duas disciplinas se ajudam, há reciprocidade entre elas. A interdisciplinaridade é vista então, como um remédio para a unificação dos saberes, e uma das estratégias para os professores de quaisquer disciplinas, aqueles que cansaram de fragmentar o saber, e buscam ver o mundo na sua totalidade.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Gilberto Osório. *Os rios-do-açúcar do Nordeste Oriental*. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 1997.
- CARDOSO, F.H. *O Brasil republicano*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.
- COSTA, Emília Viottida. *Da senzala à colônia*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.
- DEMO, Pedro. *Participação é conquista*. São Paulo: Editora Cortez, 1988.
- DACANAL, José Hildebrando. *O romance de 30*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1986.
- DIMAS, Antonio. *Espaço e Romance*. São Paulo: Ática, 1994.
- FAZENDA, I. C. A. *A Questão da Interdisciplinaridade no Ensino*. III ENPE – Encontro Nacional de Prática de Ensino. São Paulo: PUC, 1985.

- FREIRE, P. *Educação como prática de liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.
- FREITAS, Alice C. de. *Língua e Literatura: Ensino e Pesquisa*. São Paulo: Contexto, 2003.
- FRÉMONT, Armand. *A região, espaço vivido*. Coimbra: Almedina, 1980.
- JAPIASSÚ, H. *Interdisciplinaridade e patologia do saber*. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- KOZEL, Salette. *Didática de Geografia: Memórias da terra: espaço vivido*. São Paulo: FTD, 1996.
- MORE, T. *Utopia*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- MOREIRA, Emília. *Capítulos da Geografia Agrária na Paraíba*. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 1997.
- NETO, F. T. C. *Cultura e poder político: historiografia, imaginário social e representações da política na Paraíba republicana*. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2012.
- LINS, J. N. *Práticas Interdisciplinares em Literatura: sobre literatura, ensino e outras linguagens*. Olinda: Livrorapido, 2007.
- _____. *Literatura, História e Geografia em "Os Sertões"*. Natal: Philia Editora, 2007.
- REGO, José Lins do. *Menino de engenho*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2010.
- SANTOS, Vivaldo Paulo dos. *Interdisciplinaridade em Sala de Aula*. São Paulo: Edições Loyola, 2007.
- SILVA, Armando Corrêa da Silva. *Geografia e lugar social*. São Paulo: Contexto, 1991.
- TUAN, Yi - Fu. *Espaço e lugar*. São Paulo: Difel, 1983.